

Carolina Maria de Jesus e sua obra-prima *Quarto de despejo: diário de uma favelada*

Carolina Maria de Jesus and his masterpiece *Quarto de despejo: diário de uma favelada*

Omar da Silva Lima*

**Universidade de Brasília (UnB)*

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar a escritora afro-brasileira Carolina Maria de Jesus e fazer um breve estudo de sua obra-prima, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Para o entendimento de sua produção escrita, a autora é inserida nos parâmetros da Literatura Afro-Brasileira comprometida com a temática negra, cujo foco é denunciar e refletir sobre os sofrimentos de uma raça que vem sendo discriminada desde a sua entrada no Brasil na condição de escravo. Outrossim, este trabalho apresenta alguns fatos dos bastidores da publicação do *best-seller* de Carolina Maria de Jesus, (re)velando, assim, a força ideológica do preconceito tanto racial quanto socioeconômico por se tratar de uma escritora negra, pobre, iletrada e favelada.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Literatura Afro-Brasileira. Escritora negra. Gênero.

Abstract: The purpose of this article is to present the African - Brazilian writer Carolina Maria de Jesus and make a brief study of his masterpiece, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. In order to understand your writing production, the author is inserted in the parameters of Afro - Brazilian Literature committed to the black theme, which focuses report and reflect on the sufferings of a race that has been broken since its entry in Brazil provided slave. Furthermore, this paper presents some facts behind the scenes of publication Carolina Maria de Jesus bestselling, (re)ensuring thus the ideological force of prejudice both racial as socioeconomic because it is a black writer, poor, illiterate and slum.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. Afro-Brazilian literature. Black writer. Gender.

Introdução

No ano de 2014 celebrou-se o centenário do nascimento de uma das mais proeminentes escritoras afro-brasileira do final do século XIX. Trata-se de Carolina Maria de Jesus.

Carolina Maria de Jesus nasceu a 14 de março de 1914, em Sacramento-MG, cidade onde viveu a sua infância e adolescência. Seus pais foram negros provavelmente migrados do Desemboque para Sacramento na ocasião da mudança da economia da extração de ouro para as atividades agropecuárias. A escritora estudou até o segundo ano primário em uma Instituição espírita. Em 1947, ela mudou-se para São Paulo (favela do Canindé) onde foi empregada doméstica, inclusive para famílias tradicionais¹. Não se adaptando a esta função devido às normas rígidas de trabalho, assumiu outra: catadora de papel nas ruas paulistanas. Em meio à papelada recolhida, encontravam-se cadernos usados, dos quais Carolina Maria aproveitava pequenos espaços em branco para desenvolver aquela que julgava sua verdadeira vocação: escrever.

Carolina Maria de Jesus teve três filhos: João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima. Depois de uma trajetória de raras alegrias e muitos infortúnios, a escritora veio a falecer em 13 de fevereiro de 1977, com 62 anos de idade, e foi sepultada no Cemitério de Vila Cipós, cerca de 40 km do centro de São Paulo.

Casa de alvenaria, *Diário de Bitita*, *Provérbios e pedaços da fome* são obras de Carolina Maria de Jesus. Seus escritos, de modo geral, giram em torno do cotidiano de pobreza extrema tanto seu quanto dos moradores da extinta favela Canindé, porém sua obra principal é *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, em que objetivo estudar o percurso e agruras da autora-protagonista em sua multiplicidade de eus: mulher negra marginalizada, mãe e escritora através de sua escrita comprometida com questões da etnicidade afro-descendente, além de abordar alguns fatos dos meandros do mercado editorial deste best-seller.

À luz dos estudos feministas e de gênero, o discurso estará enviesado pela Literatura Afro-Brasileira, propiciando, assim, a análise da obra-prima de Carolina Maria de Jesus atrelada a sua vida de mulher negra marcada pela pobreza e de destino ainda arraigado às origens escravocratas, a qual se tornou conhecida nacional e mundialmente

¹ Dados biográficos extraídos do texto “Vida e obra de Carolina Maria de Jesus”, disponível no site da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): <www.lettras.ufmg.br/literafro>.

como escritora graças à intervenção do jornalista Audálio Dantas, fato este que não impediu esta autora afro-brasileira de morrer na pobreza e no esquecimento.

1 A escrita autobiográfica comprometida com a etnicidade afro-descendente

A obra de Carolina Maria de Jesus se enquadra na escrita comprometida com a etnicidade afro-descendente, cujas marcas de etnia, classe ou de gênero muitas vezes não condizem com as especificidades da Literatura sacralizada no centro canônico, de características predominantemente eurocêntricas. Esta Literatura é denominada de Afro-Brasileira.

A meu ver, para o/a escritor/a fazer parte da Literatura Afro-Brasileira preocupada com a temática negra, ele/a deverá ser comprometido/a com as questões que dizem respeito à população negra, principalmente do Brasil. Sendo assim, a associação desse comprometimento étnico à vivência desse/a autor/a torna-se condição principal para que sua produção seja considerada tal literatura engajada (LIMA, 2011, p. 15-16).

A escrita voltada para os parâmetros da Literatura Afro-Brasileira pode ser classificada através de dois olhares: pelo olhar não negro chamado de negrismo e pelo olhar negro denominado de negritude. Daniela de Oliveira Barbosa Guedes (2005, p. 627-628), distingue claramente estes dois termos:

O negrismo possui elementos em comum com a vanguarda europeia, que busca o primitivismo africano, apenas para a descrição do negro, do que este possui de exótico, da mitologia de sua sensualidade e também o ambiente e os sons negros, como uma fonte de temas e formas. O texto negrista é um discurso produzido por uma elite branca, ou pelo menos de visão branca, que incorpora a temática negra. Este tipo de texto não se fundamenta na procura e/ou na afirmação da identidade negra, estas são características peculiares à negritude. Nesta perspectiva é que o negro, a partir de seu olhar de dominado, de oprimido, percebendo e desejando a mudança de sua condição na sociedade, torna-se apto a produzir uma arte denominada literatura afro-brasileira. (Grifos meus).

Carolina Maria de Jesus insere *Quarto de despejo: diário de uma favelada* na perspectiva do olhar da negritude ao narrar, em forma de mosaico, seus sofrimentos enquanto mulher negra, favelada, sozinha, mãe de três filhos dependentes (José Carlos, João José e Vera Eunice), catadora de papel que vive miseravelmente sem apoio de nenhuma Instituição, mas almeja ser escritora e tem um desejo latente: “Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui.” (QD², p. 17).

Sendo narradora-personagem, Carolina Maria de Jesus representa uma diversidade de perfis femininos ao longo da narrativa e confunde o leitor sobre seu caráter dúbio perante os favelados de quem é vizinha ou conhecida. De acordo com Regina Dalcastagnè (2001, p. 115), esses “narradores confusos, indecisos ou obstinados, quando não abertamente mentirosos, estão aí nos convidando a tomar partido, assim que o fazemos, nos exibem quem somos”. Resta ao leitor refletir e se posicionar em relação aos fatos (re)velados pela autora e acreditar nela ou não, visto tratar-se de um relato autobiográfico.

Escrito durante as seguintes datas: 1955 (15 de julho a 28 de julho), 1958 (02 de maio a 21 de dezembro), 1959 (1º de janeiro a 31 de dezembro) e 1960 (1º de janeiro), os infortúnios de Carolina Maria de Jesus são narrados de forma linear, mas temos a impressão de uma narrativa estagnada e essa linearidade não faz com que o leitor perceba mudança no tempo, uma vez que os dias são absolutamente iguais, logo o texto é repetitivo porque é sempre o mesmo tempo.

Segundo Heleieth Saffioti (1987, p. 56),

Na “ordem das bicadas” neste país, a mulher negra ocupa a última posição. Ela é duplamente discriminada: enquanto mulher e enquanto negra. De acordo com o modelo oficial, cabem-lhe fundamentalmente, dois papeis: o de empregada doméstica e o de objeto sexual.

A vida de Carolina Maria de Jesus autobiografada em seu *Diário* confere hierarquia à assertiva de Saffioti, pois é uma mulher negra e, antes de ter como profissão catadora de papel, foi, entre outras coisas, empregada doméstica em casas de famílias em São Paulo e, segundo fragmentos do seu texto, ela teve uma vida sexual muito intensa, mas nenhum romance duradouro.

Na obra em estudo, a autora procura evitar ao máximo abordar sua sexualidade, mas no decorrer das páginas do seu *Diário*, o leitor vai desvendando a vida amorosa da

²As citações da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* serão, a partir daqui, referidas com a sigla QD.

Cinderela Negra (cunhado por José Carlos Sebe Bom Meihy), marcada por romances inconstantes e decepções com os amantes. Na verdade, era bastante desejada pelos homens: “Ele pegou o lápis e escreveu: A senhora é casada? Se não for quer dormir comigo” (QD, p. 131). Outra informação dedutiva é sua preferência por homens brancos e loiros, como as que se seguem: “Encontrei com aquele moço loiro, alto e bonito. O tipo de homem que as mulheres gostam de abraçar.” (QD, p. 13) e em “O motorista loiro perguntou-me se aqui na favela é fácil arranjar mulher... E se ele podia ir no meu barracão.” (QD, p. 169).

Carolina Maria de Jesus podia até ser uma bela negra, mas todo esse assédio não passa de um mito construído pelo homem branco, que consiste na mulher negra ou mulata ser sensual. Apesar de nenhuma pesquisa ter demonstrado que a negra ou a mulata seja mais sensual do que a branca, é assim que a mulher de pele negra é socialmente considerada e parece que a autora do *Diário de Bitita* ratificou o mito do homem ideal: europeu, sensual, branco e loiro e, de acordo com José Carlos Sebe Bom Meihy (2002, p. 10), “a constatação da paternidade de seus três filhos vivos e da filha morta: todos brancos e estrangeiros. Brancos e estrangeiros também seus pretendentes”.

Gilles Lipovetsky (2000, p. 206) afirma que em “todas as sociedades conhecidas, os cuidados com os filhos e as atividades domésticas cabem invariavelmente às mulheres”. Carolina Maria de Jesus não foge a esta regra, só que além desses atributos ficou para ela a dupla função de ser mãe e pai de seus três filhos. Vivendo em condições miseráveis, nossa heroína não mede esforços para tentar dar aos filhos o mínimo de dignidade humana, mas os recursos que dispõe são escassos e prioriza a alimentação deles. Assim, a Carolina-mãe tem como verdadeira inimiga a fome – “e eu pensava: o meu dilema é sempre a comida” (QD, p. 53). Chega a ser uma fome crônica e sua vida gira em torno dessa busca incessante e inevitável pelo alimento e o que fica dessa luta é a transmissão de uma dor existencial e da fome.

Sua luta diária não foi fácil e houve momentos de desânimo e perda de controle da situação, apesar de ela ser uma mulher batalhadora. O que é evidenciado nos seguintes fragmentos: “Todos os dias é a mesma luta. Ando igual um judeu errante atrás de dinheiro, e o dinheiro que se ganha não dá pra nada.” (QD, p. 71) ou

Quando eu retornava ouvi a voz de Vera. Ela dizia:

___ José Carlos, olha mamãe!

Veio correndo na minha direção. Disse que ela e José Carlos tinham ido pedir esmolas. Ele estava com o saco nas costas. Eu vinha na frente e dizia que ele devia era fazer lições.” (QD, p. 91)

Apesar de dar educação escolar aos filhos, na esperança de fazê-los diferentes e bons cidadãos, eles acabam se comportando como muitas outras crianças da favela. O meio condicionando o sujeito.

Mulher de perfil eminentemente popular, Carolina Maria de Jesus estava sempre envolvida com os problemas dos vizinhos, mesmo afirmando ser contra pessoas fofoqueiras. Toda briga na favela, violenta ou não, que Carolina presenciava, era ela quem chamava a polícia, isso antes de tentar acabar com a confusão. Devido a estas atitudes, era bastante odiada pelos moradores, que a achavam bastante intrusiva e uma forma de ela se vingar dos seus desafetos era fazer registros a respeito deles em seu *Diário*, ou seja, usava o poder da escrita como se fosse uma arma poderosa e fatal. Estava aí um dom que, num futuro próximo, a tiraria do barraco e a levaria para uma casa de alvenaria; outro sonho seu.

O breve recorte feito aqui (re)vela o cotidiano angustiante de uma mulher negra marcada pela pobreza em luta ferrenha pela sua sobrevivência e a de seus filhos numa ambiência marginalizada, transformando o lixo descartado pela sociedade consumidora paulistana em comida. Entretanto, mesmo com pouca instrução escolar (cursou até a 2ª série do antigo primário, como dito antes), Carolina Maria de Jesus trava, também, uma guerra intensa para que seus filhos frequentassem a escola, acreditando que só assim eles teriam um futuro mais promissor que o dela. Ser escritora, indiretamente, servia para Carolina Maria de Jesus incentivar os três filhos a persistirem no caminho do bem através dos estudos, mas a realidade sempre foi difícil para a poeta do lixo, até mesmo depois que seu *Quarto de despejo: diário de uma favelada* foi publicado e obteve grande sucesso de venda, como se verá a seguir.

2 Carolina Maria de Jesus e os bastidores da publicação de sua obra-prima

O aparecimento de Carolina Maria de Jesus no mercado editorial e o sucesso da venda de seu *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1ª edição = 30 mil exemplares) são atribuições do jornalista Audálio Dantas, que atuava em São Paulo. Conta-se que Audálio Dantas foi designado para cobrir a inauguração de um parque infantil na hoje extinta favela do Canindé, em São Paulo. Ao chegar lá, ouviu uma mulher gritando contra a ação de alguns bêbados que estragavam os brinquedos. Ao ouvir “Vou colocar vocês em meu livro”, o jornalista quis se inteirar do que se tratava. Carolina levou Audálio ao seu barraco e lhe mostrou uma pequena coleção de cadernos velhos, recolhidos do lixo,

em que escrevia sobre o cotidiano difícil dela e de outros moradores da favela. Foi o ponto de partida para a retirada do anonimato de Carolina, evidentemente nada fácil.

A Audálio Dantas é atribuída a ascensão e a queda de Carolina Maria de Jesus, conforme José Carlos Sebe Bom Meihy, crítico e estudioso da escritora, o qual afirmou em recente entrevista no jornal *Estado de Minas* (17/5/2014)³, que o jornalista “matou a Carolina escritora” no cenário cultural. Transcrevo, abaixo, a fala dele:

Fora do contexto esta questão se mostra quase panfletária. Diria, contudo, afirmativamente que sim: “Audálio Dantas matou a Carolina (Maria de Jesus) escritora”. Mas isto demanda dizer antes que foi ele quem criou Carolina Maria de Jesus, autora dos fragmentos famosos contidos no *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, publicado em primeira edição na abertura da década de 1960. Este foi um feito grandioso, pois não fora ele, seria bastante difícil supor que estaríamos agora falando dessa mulher singular. Profissionalmente preocupado com a informação o então jovem jornalista revelou um achado: as páginas do diário, escritos em cadernos recolhidos nas ruas, com anotações frequentes revelando os interiores de uma favela e nela as agruras de segmentos de pobres, na cidade de São Paulo. Desde 1954, com os eventos da celebração do “Quarto centenário da cidade que mais cresce no mundo”, a pobreza urbana deixava de ser tema periférico na reflexão sociológica. A centralidade do assunto ganhava força no ambiente da contracultura que tinha a modernização urbana como ameaça que colocava a vida do campo com a produção agrícola nacional numa berlinda desafiadora. O testemunho de vítimas diretas deste processo, a leva imensa de migrantes que buscava os grandes centros, por sua vez, atestava a existência de um grupo até então invisível, mas ameaçador. Esse quadro significava “notícia” e, assim, Audálio dimensionou um fato caracterizado como “realidade”. Acontece que Carolina não era apenas autora do surpreendente diário. Não. Em sua concepção de “poeta” – como Carolina se julgava – ela produziu muito mais. Poemas, peças de teatro, provérbios, contos e romances foram gêneros que, contudo, infelizmente, foram eclipsados pela aceitação do *Quarto de despejo*. O brilho do livro eclipsou os demais escritos da profícua escritora que ficou relegada a autora do *Quarto de despejo*.

³ Entrevista concedida por José Carlos Sebe Meihy, via e-mail, aos pesquisadores do NEIA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e publicada no jornal *Estado de Minas*.

Algumas condições humanas pesaram contra Carolina Maria de Jesus no firmamento de sua carreira artística como escritora no Brasil, a saber: mulher negra, pobre, pouco intelectualizada e favelada. Sendo assim, acordando com Pierre Bourdieu (1998, p. 42), os “locutores desprovidos de competência legítima se encontram de fato excluídos dos universos sociais onde ela é exigida, ou então, se veem condenados ao silêncio.” e Carolina Maria de Jesus ficou desfocada no mundo literário e no dos favelados, não só pelo fato de ser pouco versada nas letras, mas também por preconceitos contra sua raça, situação e condição social. Talvez esteja aí o fato de Audálio Dantas não ter conseguido manter a escritora por muito tempo num lugar privilegiado no cenário cultural.

O que a torna diferente dos outros favelados, de fato, é que em seus escritos ela representa o espaço onde vive. Pode não ter domínio pleno da norma culta, mas sua escrita é legitimada por seu testemunho em que diz o que sente e sente o que diz, levando em conta que toda “obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma expressão” (CANDIDO, 2000, p. 139), o que reforça, também, o caráter de sua escrita ser comprometida etnograficamente, devido falar da vivência de outros negros como ela. De certa forma, Carolina Maria de Jesus empodera-se de um bem social negado, inicialmente, às classes menos privilegiadas: o poder da escrita e da voz emitida através dela para falar dos outros e de si mesma.

Entretanto, o eco de sua voz foi silenciado por muito tempo. Recorrendo ainda à entrevista do seu principal estudioso publicada no jornal Estado de Minas, Bom Meihy comenta sobre os principais elementos que contribuíram para o ostracismo da Cinderela Negra no circuito literário nacional à época de sua publicação:

Primeiro veio o surpreendente sucesso. O país nunca tinha visto nada igual. A opinião pública estava tomada de assalto pelo fato novo: uma favelada tida como o nome mais comentado do país, mexendo na ordem crítica da literatura e produção cultural nacionais. Sua condição de alguém que com seus escritos afrontava a norma culta e mesmo assim era acolhida como escritora seria algo a ser conferido pela crítica literária. Diria que naturalmente nos círculos conservadores grassavam antipatias e dúvidas. E nenhuma veio mais feroz e ácida do que a de Wilson Martins que, aliás, deixou seguidores como Marilene Felinto. O submundo da crítica seria naturalmente um fator de silêncio. A força solar do *Quarto*, naturalmente foi também uma espécie de “autoveneno”, pois mesmos os poucos e ralos livros publicados da autora, que se seguiram foram de pouco vigor, apagados pelo primeiro.

Pesou também, muito, o momento político que se seguiu ao lançamento do *Quarto*. O advento da ditadura militar intimidou qualquer divulgação que pudesse ser vista como "subversiva", e a obra de Carolina o era. Não ousaria dizer que houve um (único) maior motivo para tal silenciamento, creio que mais que tudo, a combinação desses aspectos com o desgaste natural da autora selaram o sucesso.

Apesar de todas as adversidades, o *Diário* de Carolina Maria de Jesus foi bem estudado, mas apenas como material sociológico, um depoimento social. Porém, a obra não se resume apenas nesse aspecto. Pode-se falar que a escritora era preocupada com a literalidade e intencionava publicar seu *Diário* como obra literária.

Em determinado momento faz um intertexto com Machado de Assis, usando a técnica da digressão para explicar ao leitor a mudança na estrutura da obra: "Vocês já sabem que eu vou carregar água todos os dias. Agora eu vou modificar o início da narrativa diurna, isto é, o que ocorreu comigo durante o dia" (QD, p. 138) e cito como preocupação formal a criação de várias metáforas que dão um cunho poético ao texto, além do uso de vocábulos mais sofisticados, contrastando com a predominância de erros gramaticais, como nos fragmentos abaixo:

Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (QD, p. 31)

Até o feijão nos esqueceu. Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo. (QD, p. 44)

E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas do salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas. (QD, p. 57)

Como nos informa José Carlos Sebe Bom Meihy (2002, p. 11),

a crítica literária no Brasil se ofereceu para ser o algoz mais importante de Carolina. Foi ela quem decretou incertezas na lógica da pobre escritora negra e que colocou todos os defeitos e cobranças que jamais poderiam ser aplicados a uma personagem como foi Carolina Maria de Jesus.

Ainda na mesma entrevista publicada no jornal Estado de Minas, Bom Meihy responde à pergunta do pesquisador Eduardo de Assis Duarte, a respeito de “como fazer para retirar Carolina Maria de Jesus do ‘quarto de despejo’”:

Tirar Carolina do “Quarto de despejo” da literatura brasileira implica em primeiro lugar em mostrar que ela é muito mais do que simplesmente o que se lê nas frações publicadas do diário. Na sequência caberia ver sua obra completa publicada a preço e alcance acessíveis. Uma conveniente campanha de esclarecimento sobre os critérios de leitura desse acervo seria oportuna para abrir debates sobre temas como a pobreza, contrastes sociais, papéis de gênero. Os estudos sobre a diversidade, por exemplo, poderiam se beneficiar de leitores que teriam neste tipo de exercício uma exemplificação boa. Mas eu diria que não seria suficiente tirar Carolina do “Quarto de despejo da literatura brasileira”. A sociologia, a história, a antropologia e os demais estudos sobre urbanização, por exemplo, poderiam ganhar bastante. E todos sairíamos mais ricos se os pactos interdisciplinares ocorressem.

Mas nada disso foi obstáculo o suficiente para fazê-la calar e mesmo depois de silenciada aqui no Brasil, publicou outros livros, como citado anteriormente, e no exterior permanece como a autora afro-brasileira mais publicada. O que salienta Meihy é que no Brasil passemos a valorizar mais esta escritora tão diversa, mas que aborda em seus escritos temas universais, comuns a todos, salvo raras exceções, por se tratar de problemáticas referentes aos seres humanos, independente de raça, classe e gênero.

Conclusão

A trajetória da vida pessoal e intelectual de Carolina Maria de Jesus mostra-nos o quanto nossa sociedade é preconceituosa com pessoas de raízes afro-descendentes e pobres. Certamente a autora era consciente do lugar lhe reservado nessa mesma sociedade, mas isso não a impediu de ter acesso ao mercado editorial numa época ainda bastante radical e conservadora quando se tratava de publicação de um livro no Brasil, graças à intervenção do jornalista Audálio Dantas. É óbvio que o interesse de pessoas influentes pesou muito para que o cotidiano de miséria e fome de Carolina Maria de Jesus viesse a público.

Mesmo o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* ter se tornado um *best-seller* que teria vendido um milhão de exemplares e foi traduzido em treze línguas, Carolina Maria de Jesus continuou pobre e à margem da sociedade brasileira. Inclusive, no dia do lançamento de seu livro, ela estava catando papéis pelas ruas de São Paulo. A fome tinha pressa.

Passada a euforia inicial proporcionada por todo um investimento na mídia na ocasião do lançamento de sua obra-prima, Carolina Maria de Jesus pôde sentir mais de perto o preconceito racial e socioeconômico. No poema “Deus” (in: *Antologia poética*, 1996, p. 79), a autora mostra que não estava conformada com a discriminação que sofria principalmente por causa de sua cor de pele negra:

No céu não há preconceito
Lá não pretere o preto
Não há orgulho nem vaidade
Reino que para lá chegar
É necessário praticar:
A caridade.

Mostrando que essa atitude castradora da sociedade de seu tempo e também do nosso é insolúvel, pois falta a prática da caridade nos corações humanos. Entretanto, chegar ao céu, lugar onde “não há preconceito”, é para os justos. Como “o preto” é tão discriminado na terra, certamente nesse outro plano espiritual receberá a redenção e o tratamento igual, pois a poeta julga ser ali um local onde não há diferenciação de cor de pele e assim as pessoas serão mais felizes. Todavia, seu sonho de se fazer ouvir os ecos de seus gritos silenciados outrora tem rompido barreiras e o meio acadêmico, passo a passo, tem reconhecido o valor literário de suas obras, o que é demonstrado em vários estudos que agregam o universo literário da Cinderela Negra e levados a público nos congressos, seminários e colóquios..

Referências

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. *Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio*. Disponível em <<http://www.direitoshumanos.usp.br/bibliografia/meihy.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2002.

_____. Entrevista com José Carlos Sebe Meihy. Caderno Pensar. *Estado de Minas*, BH, 17/5/2014, p. 1-2.

BOURDIEU, Pierre. A produção e a reprodução da língua legítima. In: *A economia das trocas linguísticas*. Trad. Sérgio Miceli et. al. São Paulo: Edusp, 1998.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

DALCASTAGNÈ, Regina. Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso. In: *Diálogos Latinoamericanos*, n. 3. Aarhus, 2001, p. 114-130.

GUEDES, Daniela de Oliveira Barbosa. Negrismo e negritude: a mulher negra na poesia de Jorge de Lima e Solano Trindade. In: *Anais do XI Seminário Nacional Mulher e Literatura – II Seminário Internacional Mulher e Literatura 2005: Mediações*. RJ: UERJ/ANPOLL, 2005. Meio digital (CD-ROM).

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____. *Antologia pessoal*. Org. José Carlos Sebe Bom Meihy; [revisão de] Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

LIMA, Omar da Silva. *Literatura Afro-Brasileira em Conceição Evaristo & Geni Guimarães*. Brasília-DF: Ex Libris, 2010.

LYPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MAGNABOSCO, Maria Madalena; RAVETTI, Graciela. *Vida e obra de Carolina Maria de Jesus*. Disponível em: <www.letas.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 29 maio 2014.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987. (Coleção polêmica).

OMAR DA SILVA LIMA

Doutor em Literatura (Literatura e Práticas Sociais) pela Universidade de Brasília (UnB), onde atua como Professor Substituto de Literatura Brasileira desde agosto de 2014. E-mail: omasl@hotmail.com.